

Papel da dívida cai no exterior

Os títulos da dívida do Brasil perderam um ponto na semana passada, depois do impacto negativo no mercado secundário de notícias dando conta de que o País adiará um pagamento de US\$ 1,6 bilhão em juros, previsto para a segunda-feira.

Mas enquanto os Deposit Facility Agreement (DFA), do Banco Central do Brasil, caíam de 31,25 para 30,25 centavos por dólar nominal, os papéis venezuelanos subiam de 38,00 para 41,25 centavos por dólar.

Operadores do mercado secundário em Nova York disseram que a alta agressiva dos títulos da dívida da Venezuela se devia a fatores técnicos e a notícias de que o país reiniciaría, nas próximas semanas, a conversão da dívida. Negociadores venezuelanos em Nova York estão perto de concluir operações preliminares de redução da dívida com vinte dos credores do país. A Venezuela também deve receber desses credores um empréstimo-ponte no valor de US\$ 550 milhões.

O Brasil está financeiramente paralisado, em parte porque está esperando US\$ 3 bilhões em empréstimos que foram adiados até que o País detenha a escala da inflação.

GAZETTA UFFICIALE

A situação do México, embora diferente da do Brasil, também não está definida. Os termos gerais do acordo do México — que inclui uma redução de 35% do principal da dívida, uma redução dos juros ou uma cláusula envolvendo dinheiro novo — ainda não foram detalhados para o mercado. Na semana passada, John Reed, presidente do Citicorp, disse esperar que a maioria dos bancos credores assuma prejuízos nos pagamentos dos juros ao invés de optar por novos empréstimos ou aceitar a redução da dívida mexicana. Os títulos do México permaneceram cotados em 43,25 centavos por dólar.

O Banco Mundial (BIRD) deverá anunciar hoje o maior lançamento de papéis de sua história: US\$ 1,5 bilhão em um tipo de papel inédito — um bônus mundial que será simultaneamente negociável nos Estados Unidos e nos mercados internacionais. O bônus terá dez anos de prazo e seu preço deverá ser anunciado hoje. Donald C. Roth, vice-presidente do BIRD, saudou o lançamento, numa entrevista à imprensa, ontem, em Londres, como "bom para o banco, bom para os investidores e bom para os intermediários".

(Ver página 23)